

## DAISY E MINA: REFLEXÕES SOBRE A DICOTOMIA NA PERCEPÇÃO DAS PRINCIPAIS PERSONAGENS FEMININAS DE *THE GREAT GATSBY* E *DRÁCULA*

CESAR TRINDADE DE OLIVEIRA<sup>1</sup>; RENATA KABKE PINHEIRO<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [cesaroliveira303@hotmail.com](mailto:cesaroliveira303@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [rekabke@gmail.com](mailto:rekabke@gmail.com)

### INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, a representação da personagem feminina em obras literárias encontra-se delimitada por dois estereótipos antagônicos, os quais se reproduzem como se fossem a tradução de dois polos da perspectiva que se têm da mulher na sociedade. Referidos por Gilbert e Gubar (1984), esses posicionamentos dividem as personagens em “boas” ou “más”, surgindo, das primeiras, as noções de feminino “anjo”, o qual tem por sonho uma passividade angelical relacionada ao lar, à pureza de Maria, à mãe ou à esposa no cumprimento do papel de subordinadas. Das segundas, por outro lado, surgem as megeras, as bruxas, as sedutoras, a representação do monstro que leva a humanidade à perdição através do ato de Eva. Tal dicotomia brota a partir das ideias e dos ideais que sustentam uma cultura de base androcêntrica, tendo a finalidade de “manter as prerrogativas masculinas” (BEAUVIOIR, 2002, p. 85) como destinadas aos homens dessa sociedade, resultando na perpetuação da maneira como a mulher é vista na e pela sociedade.

O presente trabalho é fruto de estudos realizados acerca da percepção da representação feminina nos textos estudados nas disciplinas de Literatura de Língua Inglesa que se somaram ao interesse particular de análise de uma obra não-contemplada dentre as estudadas. A obra *The Great Gatsby*, de Francis Scott Fitzgerald, compõe o rol obras a serem lidas pelos alunos da Universidade Federal de Pelotas enquanto *Dracula*, de Bram Stoker, foi trazida à pesquisa pela correlação temática. Tenta-se, assim, vislumbrar um paralelo entre as obras, visto que possuem um ponto em comum, a saber: o fato de que em ambas a personagem feminina principal, respectivamente Daisy Buchanan e Mina Harker, representa foco de interesse da personagem protagonista masculino, bem como elemento do qual decorre uma força motivadora para ele. Para tanto, verificar a percepção da personagem Mina e as características que ela possa compartilhar com Daisy pode esclarecer, em termos discursivos, a existência de uma “padronização comportamental” sob a ótica do pensamento fundamentado na hierarquia patriarcal, configurando-se um “modelo que possa vir a ser seguido” para as mulheres que desejem ser a “inspiração na” ou “motivação da” vida de um homem.

Scott Fitzgerald retratou na obra *The Great Gatsby* a sociedade americana posterior à Primeira Grande Guerra. Assim, a personagem Daisy Buchanan é a representação de uma *Golden girl*, ou seja, a garota do sonho americano no qual os ideais platônicos de consumo e o desenvolvimento da sociedade urbana moderna estão em alta. Casada com um marido rico, ela suporta a estrutura de poder da sociedade na qual o homem tem a regência do círculo familiar, compatível com o papel destinado à mulher da época. Contudo, J. Gatsby é aquele que vê nela, sua ex-namorada, um motivo para uma série de atos tais como adquirir fortuna, chamar a atenção da sociedade, ter notoriedade para reconquistar a sua amada, derivando desse ponto o nó central da trama. Por outro lado, Mina Murray – ou Mina Harper – é a principal personagem feminina da obra *Dracula*, de Bram

Stoker, publicada no ano de 1897 e que se desenvolve na mesma época. Mina é a esposa de Jonathan Harker, um pretenso advogado de Londres que viaja à Transilvânia para vender uma propriedade ao Conde Drácula. Ainda que essa obra seja anterior à de Fitzgerald, a personagem de Stoker apresenta mais sinais de emancipação feminina, já que trabalha como assistente escolar, em contraste com o papel externo do qual a mulher da época era privada, além de possuir mais qualidades intelectuais, tais quais a taquigrafia, a datilografia e a capacidade de tomar decisões seguidas pelos membros masculinos do grupo. Ocorre que, por um conjunto de fatores, a personagem principal da história, o Conde Drácula, atua no sentido de ter Mina para si, refletindo numa série de eventos os quais atingem outras personagens da trama, mas com a finalidade de transformá-la numa serva obediente dos seus pedidos e pertencente ao mundo dos mortos-vivos.

Neste trabalho, propõe-se que Mina, apesar de apresentar traços de emancipação feminina avançados para a sua época, pode ser percebida como uma mulher indefesa, dependente da relação patriarcal estabelecida para com as personagens masculinas presentes na obra, despojada de si, dotando-se de valores que superestimam os feitos masculinos, configurando a representação da mulher como, na descrição feita por Virginia Woolf, o “anjo da casa”, contrastando com Daisy, de quem se tem uma percepção de alguém centrada em si mesma, interesseira, esnobe tanto por parte dos alunos objeto da pesquisa quanto da visão tradicional. Apesar das particularidades de cada uma delas, ambas podem ser vistas com a fragilidade inerente à mulher numa perspectiva androcêntrica de organização social.

## METODOLOGIA

A partir da leitura do romance *Drácula*, de Bram Stoker, selecionaram-se trechos da obra que fizessem referência à personagem Mina Harker ou tivessem origem nela a fim de realizar uma análise dos adjetivos, dos vocativos e dos verbos que se relacionassem a ela com o objetivo de traçar um possível perfil de percepção dessa representação do feminino. Após, levando em conta a percepção tradicional de Daisy e aquela que foi construída pelos alunos através de questionários respondidos sobre as obras contempladas, foram buscados pontos comuns entre as personagens assim como aqueles nos quais são distintas, uma vez que a percepção do feminino seja influenciada por todos os pontos. A partir da análise desses dados, constroem-se as conclusões do presente trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A visão de Daisy como uma *Golden girl* (KORENMAN, 1975, p. 576) alimenta o estereótipo da visão de feminino do sonho americano. Com devoção à cultura da beleza, seus ideais platônicos sugerem-na como a *Young girl [...] in White*, segundo Protheroe (1998), ou numa infantilidade de percepção geral. Mina, no mesmo sentido, sustenta a beleza da representação feminina através de expressões tais quais a *sweet-faced* (p. 367), *dainty-looking girl* (p. 367), esclarecendo a beleza inerente à mulher que inspira o masculino na sociedade, ainda que seja chamada correntemente de *girl* e *child*, numa alusão à beleza também jovial que possua ou ao tratamento dispensado à natureza infantil e obediente. Apesar de a beleza de ambas estar presente, a conotação que às personagens é dada não é a mesma, pois, se de Daisy chega-se a perceber uma natureza vulgar em razão de suas condutas instigarem a sexualidade masculina, tem-se, em Mina, a ausência de

conotações sexuais no discurso referente a ela, preservando a pureza da esposa de espírito maternal, o anjo da casa.

A alienação de Daisy é outra característica percebida pela pesquisa, de forma a enaltecer sua superficialidade e seu egoísmo. Enquanto Mina trabalha como assistente em turno integral, de forma a contribuir com a renda familiar, sabe datilografar e taquigrafar, Daisy é desprovida de qualidades, vivendo a vida que o marido banca. No entanto, as qualidades de Mina são suficientes para que solicitem-na *to act as secretary* (p. 374), retomando a estrutura social de submissão ao masculino possuidor de uma secretária e de obediência por parte dela, acatando as ordens oriundas dos hierarquicamente superiores.

A organização da sociedade que coloca a mulher num papel de inferioridade em relação ao homem pode ser esclarecida, no caso de Daisy, pelo poder que a gestão financeira do marido lhe imponha, fazendo-lhe permissiva às farras dele. Contudo, não lhe impedem de, da mesma maneira, manter um relacionamento extraconjugal com Gatsby. No caso de Mina, a presença do discurso religioso pode ser um fator que denuncie as bases de sua criação. Numa sociedade centrada no matrimônio e no cristianismo, conforme as marcas no texto de Stoker, as *responsabilidades* de Mina (p. 342) são, em suma, para com o marido, os *seus assuntos* são unicamente de ordem familiar e não pessoais (p. 352), ajudando-o no momento de dificuldade, além de o seu orgulho ser direcionado aos feitos do marido (p. 351) ou de forma a enaltecer as conquistas da representação masculina. Tais elementos revelam que a personagem se despoja de si própria em face do masculino, sendo ele o centro de suas condutas. Pode-se perceber que, até mesmo, se despoja da autonomia, tal quando seu marido sustenta que ele *answer for Mina and myself* (p. 375), revelando a submissão total à estrutura de poder. Não apenas ao marido, Mina, às vezes, chega a ser responsabilidade de outros personagens masculinos, seja pela conduta (p. 422), seja pela salvaguarda, acontecida durante quase toda a sua aparição.

Com relação ao intelecto, segundo Protheroe (1998), a personagem Daisy Buchanan evita o esforço mental declarando-se tola, enquanto sustenta que a tolice seja capaz de manter a felicidade do polo feminino na sociedade. Mina, por outro lado, tem muito esforço pessoal e mental no sentido de resolver a situação com a qual o seu grupo se depara. Tanto o é que seus esforços são notáveis pelos personagens masculinos em mais de um episódio, os quais a qualificam, e.g., de *wonderful woman* (p. 416). Num desses eventos, o *wonderful woman* (p. 374) que a caracteriza como inteligente é seguido da afirmação de que seu cérebro, contudo, *is a man's brain* (p. 374), oriunda do Dr. Van Helsing, o que a enquadra num rol de exceções, sendo que o papel da mulher, no que tange à inteligência, é o da inferioridade. Ocorre que, quando uma mulher se destaca, então, essa característica é digna do papel masculino, ou a coragem (p. 241), ou a admirabilidade (p. 416).

Ainda que possua qualidades dignas do papel masculino, ressalvando a capacidade intelectual de mina, seu estado psicológico e emocional, por outro lado, é frágil. Ela, por exemplo, chora por si (p. 214), pelo alheio, ou pelo marido como nunca chorou por si própria (p. 383 – *I, who never cried on my own account*).

Com relação à satisfação que as personagens se permitem, Daisy permite a si própria que ela chegue a ser liberta física e emocionalmente o suficiente para manter uma relação extraconjugal. A sua confusão entre amor e falso amor não sofre reflexão, ao passo que ela se deixa confrontarem as vontades e com as obrigações. Para Mina, todavia, o caso é outro: a personagem chega a desviar-se da pureza total quando brinca com a tentação de enganar, um resquício que possui o gosto do pecado original (p. 353), mas, quando confusa ela não quer impedir que

outro masculino, o Drácula, sacie sua sede em seu corpo, invoca, então, a piedade divina para uma alma impura, ainda que haja tentado trilhar o caminho da *mansidão e da justiça todos [...] os dias* (p. 395). Pode-se perceber que o papel da mulher, então, é reconhecido pela própria personagem, de modo a reproduzi-lo, deixando claro os limites da aproximação entre a representação feminina e masculina na sociedade.

## CONCLUSÕES

Desse modo, pode-se perceber Mina como uma mulher dotada de intelecto semelhante ao masculino, mas que encontra submissão e inferioridade decorrentes de seu aspecto físico e emocional. Suas qualidades e habilidades embatem-se com as debilidades, que configuram-na como indefesa, além de despojada de si em prol do marido, tanto no foco a que dedica seus esforços quanto na autonomia das suas escolhas. Cumpre, assim, o papel de “anjo da casa”, na descrição de Virginia Woolf, contrastando com Daisy, que, apesar de igualmente frágil e submissa à estrutura social de cunho androcêntrica, é vista tanto na visão tradicional quanto na visão dos alunos objeto da pesquisa como uma pessoa egoísta, interesseira, voltada a si mesma e a satisfação dos seus próprios anseios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FITZGERALD, F. Scott. *The Great Gatsby*. 1925.
- GILBERT, Sandra M., GUBAR, Susan. *The madwoman in the attic*. New Heaven: Yale University Press, 1984.
- KORENMAN, Joan S. “Only her hairdresser ...”: Another look at Daisy Buchanan. American Literature, vol. 46, nº 4, pp. 574-578. Baltimore: 1975.
- PROTHEROE, E. S. *Daisy Buchanan, Fran Dodsworth, Kate Clephane: upper class women in three novels of the 1920s*. 1998. Master's Thesis on Arts of the Iowa State University. Disponível em: <<http://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1183&context=rtd>> Acesso em: (13/07/2015)
- STOKER, Bram. *Drácula's Guest; Drácula: a mistery story*. São Paulo: Landmark, 2014.